

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
5 e 26 de Junho de 2025

TROUBLE ALONG THE WAY / 1953
(Barreiras Vencidas)

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Jack Rose e Melville Shavelson, baseado numa história original de Douglas Morrow e Robert Hardy Andrews / Fotografia: Archie Stout / Direcção Artística: Leo K. Kuitert e William Wallace / Música: Max Steiner / Som: C.A. Riggs / Montagem: Owen Marks / Interpretação: John Wayne (Steve Williams), Donna Reed (Alice Singleton), Charles Coburn (padre Burke), Tom Tully (padre Malone), Sherry Jackson (Carol Williams), Marie Windsor (Anne McCormick), Tom Helmore (Harold McCormick), Dabbs Greer (padre Peterson), Leif Erickson, Douglas Spencer, Chuck Connors, e como figurante, James Dean, etc.

Produção: Warner Brothers / Produtor: Melville Shavelson / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 110 minutos / Estreia em Portugal: Império, a 23 de Junho de 1954.

Trouble Along the Way pertence ao período final de Michael Curtiz na Warner Brothers. Um dos vários filmes que rodou em 1952 (embora estreado já no ano seguinte), nenhum deles com sucesso assinalável, terá contribuído para o acumular de frustrações e saturações face ao estúdio a que estava ligado (mesmo no período em que foi produtor “independente”) desde a sua chegada a Hollywood. No princípio de 1953, desvinculou-se da Warner, num processo que, conforme as fontes, foi “pacífico” (Curtiz tinha a Paramount a acenar-lhe um contrato de sete anos) ou “doloroso” (porque envolveu uma dura negociação só resolvida nos tribunais). O fim de uma época, pode-se dizer com propriedade: foi uma ligação de 27 anos, período em que alguns dos maiores e mais lendários sucessos da Warner tiveram o dedo de Michael Curtiz.

Sucessos, fracassos e, entre uns e outros, os filmes cinzentos, rotineiras produções de estudo sem nenhuma marca especial. **Trouble Along the Way**, filme agradável mas não especialmente inspirado, antes pelo contrário, pertence a este grupo. Como habitualmente, os curtizianos encontram boas desculpas para atenuar as responsabilidades do seu homem: no caso, o péssimo ambiente no “set”, provocado pelas constantes discussões entre duas figuras que se outorgavam o estatuto de “donas” do filme, o produtor Melville Shavelson (que se estreava nesta função) e a estrela, John Wayne (que procurava uma variação das personagens de “cowboy” ou militar que por estes anos era hábito interpretar). Diz-se mesmo que o mau ambiente terá sido decisivo para alimentar no estóico Curtiz o desejo de uma mudança de ares.

O mínimo que se pode dizer – e totalmente em abono de Curtiz – é que se houve mau ambiente ele não se nota nada. É um filme bastante coerente em termos de tom, sempre com uma relativa bonomia, que nunca parece forçada, na descrição do que é essencialmente um ambiente comunitário em escala relativamente curta (a que se centra na escola católica que contrata John Wayne para treinar a equipa de futebol, na esperança de que o sucesso desportivo seja suficiente para resolver as ameaças que pesam sobre a tesouraria). Entre o desporto e a educação católica imiscui-se a história pessoal de Wayne, um homem divorciado em luta com a ex-mulher pela custódia da filha pequena, ao mesmo tempo em que se vai aproximando da mulher (Donna Reed) enviada pelos serviços responsáveis para avaliar as qualidades de Wayne como tutor da miúda. As críticas da época apontaram ao filme a “dispersão” por tantas linhas narrativas: a história do colégio e das suas dificuldades económicas, a história do futebol, o lado “Kramer vs Kramer” através da história de um pós-divórcio conflituoso, a progressão romântica da relação entre Wayne e Reed. Mas, na verdade, se não se esperar uma enorme profundidade em nenhuma dessas linhas, e se as encararmos como peças de um mosaico que só faz sentido como desenho de conjunto, essa “dispersão” não tem mal nenhum, bem pelo contrário. O tratamento das relações e das personagens, o tratamento de uma ideia comunitária mais ou menos ameaçada, nada disto está longe de uma das especialidades de Allan Dwan nos filmes que fazia mais ou menos por esta altura ou um pouco antes (nos anos 40) – pense-se em **Driftwood**, por exemplo, onde também havia uma criança entre as personagens principais. Evidentemente, Dwan era imbatível nesse tipo de filmes assentes numa bonomia e, mais do que isso, numa bondade, comunitária, **Trouble Along the Way** seria certamente um melhor filme se fosse realizado por ele, mas o que importa realçar é que o opus de Curtiz partilha essa linha (uma linha muito próxima da série B) e não faz má figura. Se todos os actores são óptimos, há que realçar aquele que encarna precisamente o foco emanador da bondade comunitária, o padre director do colégio, interpretado pelo grande Charles Coburn (e registemos a ironia de ele ter vindo fazer este papel justamente entre as duas personagens de “velho gaiteiro” que interpretou para Howard Hawks em **Monkey Business** e em **Gentlemen Prefer Blondes...**).

Uma derradeira nota, que também é toda sobre um sinal do dedo do realizador. Aqueles planos, ditos de “pontuação”, que enquadram o espaço do colégio deixando ao fundo, na linha do horizonte, os arranha-céus do centro da cidade: para além de muito bonitos, fazem maravilhas na sugestão deste ambiente como uma “reserva” de outros tempos e outras circunstâncias, bem longe da época e do mundo que lhe eram “contemporâneos”.

Luís Miguel Oliveira